

## O que há de Eu em Mim: em direção a havendo<sup>[1]</sup>

Sandra Luiza Nunes Caseiro<sup>[2]</sup>

**RESUMO:** O texto aborda reflexões sobre o Eu e o Mim, inspirado pela homenagem do Congresso Brasileiro de Psicanálise de 2023 aos 100 anos do artigo de Freud “O Eu e o Id”. Partindo de Freud, a autora toma como norte a teoria psicanalítica de Bion que propõe uma mudança de ênfase do par consciente ↔ inconsciente para o par finito ↔ infinito e apresenta a pré-concepção como um estado de expectativa para a busca de realizações, sinalizando que Bion ressalta a importância de nos aproximarmos de nossas “verdades” em cada momento para desenvolver e expandir nossa personalidade. São apresentados trechos de contos de autores como Luigi Pirandello, Machado de Assis e Guimarães Rosa, que discutem a identidade, o autoconhecimento e a complexidade do ser humano. A partir desses contos, a autora explora diferentes vértices de pensamento sobre a constituição do Eu e do Mim. A vinheta clínica relatada mostra um momento de aproximação entre analista e analisando, e entre as “verdades” de cada um naquele instante, gerando uma mudança significativa no campo psicanalítico. Por fim, um conto de Julio Cortázar é colocado como um modelo dessa qualidade de experiência de aproximação de si mesmo e da evitação dela.

**PALAVRAS-CHAVE:** consciente, inconsciente, finito, infinito, verdade

---

1. Texto apresentado no Pré-Congresso de Psicanálise realizado pela Sociedade Brasileira de Psicanálise de Ribeirão Preto (SBPRP) em 24 de junho de 2023, com o tema “O que há de Eu em mim”, prévio ao Congresso de Psicanálise a ser realizado pela Federação Brasileira de Psicanálise (Febrapsi) em novembro de 2023.

2. Psicanalista. Membro efetivo com funções didáticas da Sociedade Brasileira de Psicanálise de Ribeirão Preto (SBPRP).

## I

O Congresso Brasileiro de Psicanálise deste ano homenageia os 100 anos do texto “O Eu e o Id” (1923/2007), o último dos grandes trabalhos teóricos de Freud, no qual ele elabora a segunda tópica, o segundo lugar: o Id (o Isso), o Eu e o Supraeu. Um mapa fundante.

Recebi de nossa diretora científica, Luciana Torrano, o convite para compor uma mesa. Ao ler o título, fui instantaneamente fisgada e aceitei prontamente, respondendo: “*Eu* quero sim escrever sobre *Isso*”. Mas ao enviar meu aceite veio-me o pensamento: “o que *Eu* sei sobre *Isso*?”.

“O que há de Eu em mim” – é uma pergunta ou uma afirmação? Lendo o título novamente, pensei na gramática da nossa língua: “eu”, pronome pessoal do caso reto, e “mim”, pronome pessoal do caso oblíquo. A denominação desses pronomes, caso reto e caso oblíquo, vem da imagem da ação de um verbo: numa linha reta, absolutamente perpendicular ao indivíduo – caso reto –, ou inclinada em relação a ele – caso oblíquo. Como se fosse um fecho de luz a pino, ou luz inclinada resultando em sombras...

Relacionei *luz a pino* com Eu e *sombras* com Mim. Estava encontrando figuras para aquilo que tenho ciência de mim, Eu, e sentindo que Mim, mesmo que eu não o conheça, é muito maior que Eu. Assim, havia, de certa forma, retornado ao texto “O Eu e o Id”. Nesse texto (e no anterior de 1920/2006), Freud descreve o indivíduo como vindo à luz composto por duas pulsões básicas, Eros e Tânatos, que em Klein aparecem como instinto de vida e instinto de morte, em Winnicott surgem como impulso amoroso originário contendo a agressividade associada inicialmente à motilidade do bebê, e em Bion se transformam em pré-concepção. Não que esses desdobramentos possam ser dispostos linearmente, mas, partindo de Freud e escolhendo diferentes vértices, engendram um profundo e amplo campo de formulações sobre a constituição (como substantivo e verbo) do Eu e do Mim.

Mas mantive a figuração de luz e sombras, essa mágica complexa que é a luz, e lembrei dos espelhos.

Chegando aos espelhos, instantaneamente vieram-me à mente contos da literatura. Vou usufruir da valência de trechos e elementos desses contos.

## II

**Um, nenhum e cem mil, de Luigi Pirandello**

Moscarda, o personagem do livro, ao explicar para a esposa que estava em frente ao espelho investigando um ponto dolorido do seu nariz, assombra-se ao ouvir dela: “— Achei que estivesse vendo para que lado ele é torto. / Voltei-me como um cão que alguém tivesse pisado no rabo: — Torto? Eu? Meu nariz?” (Pirandello, 1926/2019, p. 9).

Com essa revelação, a de seu torto nariz, começa uma sofrida caminhada desejando encontrar seu *verdadeiro Eu* e o que as pessoas viam nele:

Enquanto eu mantenho os olhos fechados, somos dois: eu aqui, e ele no espelho. Devo impedir que ao abrir os olhos, ele se torne eu e eu, ele. Eu devo vê-lo sem ser visto. É possível? Assim que eu o vir, ele me verá, e nos reconheceremos. Muito obrigado! Eu não quero me reconhecer, eu quero conhecê-lo fora de mim. (Pirandello, 1926/2019, p. 24)

Moscarda vai encontrando um Eu probabilístico que o perpassa, mas escapa dele, e, principalmente, a impossibilidade de, simultaneamente, ser ele mesmo e observar-se. Sente sua angústia ampliar-se à medida que descobre outros Moscardas, desconhecidos por ele, mas vistos por outras pessoas. A ideia de que não conseguiria integrar todos os Moscardas e, assim, sentir-se unificado, finalizado (“eu sou *assim*”), o mantém em turbulência: afinal, quem é Moscarda?

Não nos fazemos essa pergunta todo o tempo?

### “O espelho”, de Machado de Assis

Jacobina, protagonista do conto, de origem humilde, consegue “elevar-se” através de uma nomeação a um posto militar. Para ele e sua família, é agora o “Sr. Alferes”, vestindo-se numa farda condizente com o título. Ao ir ver uma tia, esta coloca no quarto destinado à visita a melhor peça da casa: um espelho proveniente da família real portuguesa. Jacobina, admirando-se diariamente dentro da farda, gosta muito do que vê. Por imprevistos, a tia e todos da fazenda se ausentam. Sozinho de humanos, se depara com um “nada” de si. Demandava “se alimentar” de sua imagem no espelho. Por um lado, encontra a necessidade de outros humanos para dar continuidade ao seu ser. Por outro, descobre que nada do que tinha sido enquanto Sr. Alferes tinha uma origem dentro dele.

Com essa experiência, desenvolve a teoria:

Toda criatura humana traz duas almas consigo: uma que olha de dentro para fora e outra que olha de fora para dentro. ... A alma exterior pode ser um espírito, um fluido, um homem, muitos homens, um objeto, uma operação. ... Está claro que o ofício dessa segunda alma é transmitir a vida, como a primeira; as duas completam o homem, que é, metafisicamente falando, uma laranja. Quem perde uma das metades, perde naturalmente metade da existência; e casos há, não raros, em que a perda da alma exterior implica a da existência inteira. (Assis, 1882/2007, p. 155)

O personagem descreve a ele mesmo, não como alguém que resgatou sua humildade após significativa experiência, mas como um sábio que exige o silêncio e a atenção de todos quando fala. A sutil ironia do texto nos leva a duvidar das conclusões filosóficas do personagem. Podemos questionar: antes de estar sozinho de humanos, Jacobina já não havia se abandonado?

### “O espelho”, de Guimarães Rosa

O narrador, após assustar-se com sua imagem diante de dois espelhos que faziam jogo, “imagem hedionda”, adentra numa série de experimentos “positivos, científicos”

querendo encontrar o seu Eu original, puro, absoluto. Deseja chegar ao que não se vê, ao transcendente. Começa por procurar anular de sua imagem no espelho tudo o que havia sido colocado por ele mesmo e pelos outros, indumentárias que encobriam sua essência original, sua alma. Quer eliminar até mesmo o que poderia ter de traços genéticos, atávicos, chegar ao que era só seu. Após meses de exaustiva e determinada investigação, por sentir-se adoentado, abandona o experimento.

Tempos depois, ao olhar-se no espelho, não se vê. Era ele o “transparente contemplador? ... não haveria em mim uma existência central, pessoal, autônoma? Seria eu um... desalmado?” (Rosa, 1962/2009, p. 450). Anos depois, ao fim de uma ocasião de sofrimentos grandes, o espelho mostra-lhe uma luzinha que se esforçava para cintilar e, na sua hesitante irradiância, lhe delineia um rostinho de “menos-que-menino”, seu rosto. Comovido, pensa:

Será este nosso desengonço e mundo o plano – intersecção de planos – onde se completam de fazer as almas? Se sim, a “vida” consiste em experiência extrema e séria; sua técnica, ou pelo menos parte – exigindo o consciente alijamento, o despojamento, de tudo o que obstrui o crescer da alma, o que a atulha e soterra? Depois o “*salto mortale*”... – digo-o, do jeito, não porque os acrobatas italianos o aviventaram, mas por precisarem de toque e timbre novos as comuns expressões, amortecidas... E o julgamento-problema, podendo sobrevir com a simples pergunta: — “Você chegou a existir?”. (Rosa, 1962/2009, p. 451)

### III

Cada indivíduo vem à luz com uma digital de sua personalidade. Que é, usufruindo da filosofia de Jacobina, a laranja e suas duas metades, a que olha de dentro para fora e a que olha de fora para dentro. Unindo dois autores, Jacobina e Bion, podemos oferecer nomes para essas metades: as letras gregas  $\Psi$  (psi) e  $\xi$  (ksi) formando a laranja,  $\Psi(\xi)$ , ou, conforme Bion (1962/2021, 1963/2004), pré-concepção. Uma pré-concepção corresponde a um estado de expectativa para buscar. Como um corredor numa linha de partida aguardando o *futuro* sinal para iniciar sua corrida.

Por exemplo, a expectativa que o recém-nascido tem de um seio. Acontecendo o encontro de sua expectativa com o seio, a realização da expectativa, da pré-concepção, o bebê absorve a concepção de um seio. O recém-nascido busca não só o seio, mas o seio e a mente da mãe. Pedindo licença poética, imaginemos uma ficção impossível (se não impossível, desumana): deixar um recém-nascido humano e um recém-nascido urso, cada um numa ilha, sendo-lhes provido tudo o que é necessário para chegarem à idade adulta. Porém, o bebê humano nunca terá contato com nenhum outro humano, e o bebê urso com nenhum outro urso. Adultos, o urso, ainda que com comportamentos estereotipados, será um urso, porque tudo de que ele precisa para ser um urso está na carga genética que recebeu. O humano não será um humano. O que ele necessita para ser um humano não está só no código genético, mas na mente do humano que cuida dele enquanto bebê, na mente do grupo ao qual

essa dupla pertence, na mente de muitos humanos, na cultura. É nesse “desengonço de intersecção de mentes onde se completam de fazer as almas”, é como acontece a expansão mental. Essa jornada exige o alijamento de tudo que obstrui o seu crescer, o que a atulha e a soterra, para usufruir do nosso jeito (com a nossa digital) das experiências que vamos transpassando ao viver, assim engendrando nossas concepções e nossos conceitos. Não me refiro só a grandes experiências, como acontecimentos que sejam um marco, por exemplo, o nascimento de um primeiro filho (uma conjectura), mas ao cotidiano, ao que a banalidade nos oferece para vivenciar. Quais toques e timbres novos somos capazes de ouvir e emitir a cada nova experiência?

Somos um rascunho ininterrupto. *Somos* através das experiências emocionais que alcançamos vivenciar do nosso jeito. Inefáveis a nós mesmos, é transitório o que denominamos Eu e Mim, ficando como traço mais fisgável as emoções e sentimentos que vivenciamos. Encontramos alguns nomes para elas, que nunca as descrevem, porque quando estamos no seu domínio, o infinito, as sentimos, e quando vamos falar sobre elas – e para falar temos que voltar ao que é finito – já se foram, e as palavras nunca as acolhem inteiramente. Claro que percebemos padrões que se repetem em nós e no outro, um jeito. Mas à medida que se afastam de nossas digitais, vão se transformando em indumentárias ou rotas de fuga de algo que poderíamos chamar de “nossa existência”, do que poderia ser “a nossa verdade” em dado instante, outra verdade no instante seguinte... Essa incerteza de quem somos, como somos, nos assusta. Como diz Guimarães, “a espécie humana peleja para impor ao latejante mundo um pouco de rotina e lógica, mas algo ou alguém de tudo faz frincha para rir-se da gente” (Rosa, 2009, p. 447). Enquanto nos afastamos de nossa digital, criamos falsas concepções e conceitos distorcidos. Com um pouco de sorte e coragem, temos a chance de alcançar reconcepções (Chuster, 2018a, 2018b) nos aproximando do nosso jeito. A análise trabalha nessa direção.

## IV

### Uma vinheta clínica

Uma pessoa que trabalha comigo há anos. Certa semana tive um imprevisto e precisei desmarcar no dia da sessão. Na sessão seguinte, a terceira da semana, a pessoa chega como se nada de diferente tivesse acontecido entre nós. Mas aconteceu algo inusual: desmarquei uma sessão no dia do nosso encontro. Até então, era apenas uma silenciosa observação minha. Nenhum comentário da parte dela, guardo para mim essa observação. Ela deita-se e inicia um longo relato, demonstrando uma emoção vívida e harmônica com suas palavras, sobre as dificuldades de relacionamento que estava sentindo entre ela e seus sócios na empresa. Um tema ausente nos últimos meses. Relacionamento com minha falta no dia anterior.

Poderia notificar essa relação, mas escolho nada dizer, nada havia em mim de mais “caso reto” sobre nós. Penso se eu sentia dificuldades no fluir dos nossos encontros, e de

maneira geral sinto que não. Escolho continuar no caso oblíquo e me inserir na conversa sobre seus colegas de trabalho. Procuro conversar sobre os eventos que ela relatava tentando apontar-lhe diferentes direções, as irrevogáveis diferença e separabilidade entre ela e esses outros, entre ela e qualquer outro, eu inclusive. A conversa segue seu curso até que ela diz que tinha uma compreensão do que falávamos, mas que sentia muito medo de os sócios se cansarem dela, desistirem dela, não levarem suas ideias a sério e a tratem como “café com leite”. Comento que era impossível ela saber o que se passava na mente dos sócios; talvez se aproximasse um pouco do que sucedia, caso encontrasse condições para conversar com eles. Estava tentando dar-lhe uma senha para alguma outra conversa que poderia estar acontecendo entre nós.

Caímos num silêncio longo. Continuava em mim a relação entre o tema sobre o que conversávamos e minha falta. Mas de que forma elaborar isso com alma? Deixei-me descansar. Descansando, veio-me à mente uma situação assustadora, e em segundos recordei toda uma vivência infinita enquanto aconteceu. Numa viagem, eu estava sobre uma grande plataforma de corais com água até os joelhos, acompanhando meus filhos que mergulhavam. Havia um monitor do grupo, um mergulhador. E muitos outros grupos e monitores. Chegamos ali em diferentes embarcações até certo ponto e, deste ponto aos corais, fomos de bote. Cada grupo deveria retornar ao seu bote num determinado horário. Dando o nosso horário, apenas um dos meus filhos subiu à plataforma. E o outro? Olhando para toda aquela imensidão, a extensão da plataforma, o mar, botes, grupos, filas, pessoas, apitos, chamadas, não avistava meu outro filho. Continuei olhando, procurando, deixei de ouvir. O tempo pareceu muito lento. Até que muito ao longe descubro um pontinho verde neon, a cor do short do meu filho.

Volto à sessão. Quando penso em arriscar alguma formulação inspirada por essa re-vivência, escolhendo com que palavras iniciar essa conversa, ela interrompe meu movimento mental e diz muito timidamente: “mudando totalmente o rumo da conversa, você pode me contar por que precisou desmarcar a sessão de ontem?”. Mudamos para o “caso reto”, aquilo era absolutamente sobre nós. Seguimos com meu relato sincero sobre o motivo que me desviou de nosso horário, e ela demonstrou gratidão e alívio por assim eu fazer. Eu estava sinceramente comprometida com ela, apesar de não me ser possível corresponder a muitas de suas expectativas.

Penso que aconteceu nessa sessão um “cair em si” (dentro dela e dentro de mim) de sua forte ligação comigo e o inerente medo de perda quando nos achamos numa forte ligação. O medo de que em algum momento eu pudesse me cansar dela e negligenciá-la, tratá-la como café com leite (medo dentro dela e investigação sobre isso dentro de mim). Foi importante eu “escolher” partilhar com honestidade o motivo de minha ausência, não a tratando como café com leite. Foi uma forma de reparar meu ato de desmarcar a sessão sem perguntar sua opinião, mesmo tendo eu me encontrado sem possibilidade de previamente conversar sobre isso. A relatada dificuldade de relacionamento com seus sócios estava ocorrendo entre mim e ela. Ela, colocando essa dificuldade lá longe, entre ela e os sócios, declinava de reclamar sinceramente sobre o ocorrido e revelar que doeu, assustou. Eu, não encontrando um caminho para conversar com ela, escapava de sustentar que faltei, decepcionei.

Posso conjecturar que tivemos a oportunidade de reconceber concepções/conceitos sobre vincular-se, separar-se, comprometer-se, intimidade, confiança... Não é difícil imaginar que essa pessoa e eu roçamos espaços e tempos nos quais ser negligenciado trazia até a possibilidade de morte. Quantos Eus dentro do Mim (nela e em mim) foram penetrados por essa “experiência banal” até (imagino) nos aproximarmos de nossas digitais?

Recheia-se nessas aproximações. Cresce a alma. Mas são tão estranhas e assombrosas que as evitamos. Diz-se que o cavalo se assusta com a própria sombra e se agita, lançando o cavaleiro ao chão.

## V

### “Axolotes”, de Julio Cortázar

Fui encontrada por esse conto que comunica o estranho, o assombro, o recheio e a interrupção dessa experiência.

Um homem comum vagueava pelo zoológico de Paris. Pensa em tantas alternativas de animais a visitar, e algo o leva a ir ao aquário (uma pré-concepção + intuição?). Lá, vai passando por vários peixes desinteressantes, até que avista os axolotes. E já começa o estranho quando procuramos o que é um axolote: uma espécie de salamandra mexicana que permanece em seu estado de larva mesmo quando adulta. Um animal neotênico, conservando durante toda a vida brânquias externas, uma característica do estado larval. Tem grande capacidade de regeneração, não só de membros, mas de órgãos do corpo, como coração e cérebro. Existe uma espécie de axolote na África capaz de viver em terra no período de secas e retornar à vida aquática na estação das chuvas. Imagino que se Bion tivesse lido o conto de Cortázar, o utilizaria como metáfora para, pelo menos, os conceitos de pré-concepção e cesura.

A partir do livro *Transformações* (1965/2004) e prosseguindo nos trabalhos posteriores (1967/1986, 1970/2006, 1977/1981), Bion promove maior relevância ao espectro finito↔infinito, minimizando o peso do par consciente/inconsciente. Coloca como obsoleto o que já sabemos e aponta para o novo, o futuro, a intuição e a imaginação. Também focaliza a efemeridade do que poderíamos denominar de Eu e a simultaneidade de diferentes qualidades de apreensão da experiência vivenciada em um dado momento. Esse novo vértice mantém seu apoio na questão da verdade. Verdade para Bion refere-se ao que honesta e sinceramente o indivíduo sente quando mergulhado numa experiência. Verdade é o alimento fundamental para o desenvolvimento e a expansão mental. Verdade está relacionada a amor, a vínculos amorosos. Bion escreve que o desenvolvimento da personalidade de um indivíduo ocorre como uma cebola: em camadas, cada camada tendo sua forma peculiar de sentir. Olhando para a mente humana através dessas elaborações, o indivíduo “não é”, ele “torna-se” si mesmo conforme se aproxima, sustenta e dá continência ao labirinto

de suas emoções e sentimentos, conforme se aproxima de suas pré-concepções, de seu rostinho de *menos-que-menino*. O indivíduo vai “tornando-se” novamente e novamente durante todo o seu viver (Caseiro, 2019, 2022). Como estratégia para evitar dor (frustrações, inconstâncias, lutos, desilusões, decepções, medos, incertezas etc.), nos distanciamos de “nossas verdades”, nos embrulhando em dissimuladas camadas de mentiras, que podem até ser atraentes, interessantes e sofisticadas, mas são desleais a nós mesmos.

Voltando aos axolotes e aos animais neotênicos, neotenia é também uma propriedade do animal humano, capaz de lidar com coisas novas e aprender até uma idade avançada. No conto testemunhamos neotenia nos dois animais: no axolote e naquele homem comum. O homem se sente inevitavelmente atraído pelos axolotes, obseço por eles, “porque desde o primeiro momento compreendi que estávamos vinculados, que uma coisa infinitamente perdida e remota continuava a nos unir, apesar de tudo” (Cortázar, 1956/2021, p. 241).

A história é narrada por entrelaçamentos entre o homem e o axolote. “Às vezes uma pata se movia de leve, eu via os minúsculos dedos pousando com suavidade sobre o musgo. É que não gostamos de nos mexer muito...” (Cortázar, 1956/2021, p. 242). Os axolotes transformam-se numa chance de realizar uma nova forma de ser:

os olhos dos axolotes falavam-me da presença de uma vida diferente, de outra maneira de olhar. ... Os olhos de ouro continuavam ardendo com sua doce, terrível luz; de uma profundidade insondável, que me dava vertigem... ... Aquilo olhava e sabia. Aquilo reclamava. (p. 242)

Os encontros sucedem-se até que o homem/axolote reflete: “só uma coisa era estranha: continuar pensando como antes, saber. ... Eu era um axolote e sabia agora instantaneamente que nenhuma compreensão era possível” (Cortázar, 1956/2021, p. 244).

Atemorizado por essas experiências o homem interrompe esse enlace:

tive a impressão que já não se interessava tanto por nós, de que obedecia a um hábito. ... Mas as pontes entre mim e ele estão cortadas, porque o que era sua obsessão agora é um axolote, alheio a sua vida de homem. (Cortázar, 1956/2021, p. 244)

Ao final, o axolote mantém a esperança de ainda existir e brotar dentro do homem. Tinha esperança de que o homem se olhasse no espelho e enxergasse seu rostinho de *menos-que-menino*, de axolote.

Finalizando, ao falarmos de Eu e Mim pelo vértice apresentado, é preciso mudar o tempo verbal do presente “há” para o gerúndio “havendo”, assim oferecendo pere-nidade à pergunta:

“Você chegou a existir?”

---

### **Lo que hay del Yo en Mí: en dirección a lo que está habiendo**

**Resumen:** El artículo aborda reflexiones sobre el Yo y el “Mí” inspiradas en el homenaje que se realizó en el Congreso Brasileño de Psicoanálisis de 2023 sobre los 100 años del artículo de Freud “El Yo y el Ello”. A partir de Freud, la autora se orienta con la teoría psicoanalítica de Bion que propone un cambio de énfasis del par consciente ↔ inconsciente en dirección al par finito ↔ infinito y presenta la preconcepción como un estado de expectativas para la búsqueda de realizaciones, señalando que Bion subraya la importancia que tiene acercarnos a nuestras “verdades” a cada momento para desarrollar y expandir la personalidad. Se presentan trechos de cuentos de autores tales como Luigi Pirandello, Machado de Assis y Guimarães Rosa en que se discuten la identidad, el autoconocimiento y la complejidad del ser humano. A partir de estos cuentos, la autora analiza distintos ángulos del pensamiento sobre la constitución del Yo y el “Mí”. La viñeta clínica que se presenta muestra un momento de acercamiento entre la analista y el analizante, y lo que hay en el “entre” son las verdades de cada uno en ese preciso instante, provocando un cambio importante en el campo psicoanalítico. Por último, se analiza un cuento de Julio Cortázar como modelo de esta cualidad de experiencia de acercamiento de sí mismo y también como forma de evitar esta proximidad.

**Palabras clave:** consciente, inconsciente, finito, infinito, verdad

### **The Self within Me: toward being**

**Abstract:** The text addresses reflections on the Self and the Me, inspired by the homage made by the 2023 Brazilian Psychoanalysis Congress to Freud's 100-year-old article “The Ego and the Id”. Building upon Freud, the author takes as a guiding principle Bion's psychoanalytic theory, which shifts the emphasis from the conscious ↔ unconscious pair to the finite ↔ infinite pair, and presents pre-conception as a state of expectation for the pursuit of realizations, indicating that Bion highlights the importance of approaching our “truths” in every moment to develop and expand our personality. Excerpts from stories by authors such as Luigi Pirandello, Machado de Assis, and Guimarães Rosa are presented, narratives where they discuss identity, self-awareness, and the complexity of human beings. Through these stories, the author explores different aspects of the constitution of the Self and the Me. The clinical vignette presented showcases a moment of connection between analyst and analysand, and between each of the individual's “truths” in that instant, resulting in a significant shift in the psychoanalytic field. Finally, a story by Julio Cortázar is presented as a model of this quality of self-encounter and the avoidance thereof.

**Keywords:** conscious, unconscious, finite, infinite, truth

---

## Referências

- Assis, M. (2007). O espelho. In *50 contos de Machado de Assis* (pp. 154-162). Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1882)
- Bion, W. R. (1981). Cesura (M. T. M. Godoy, Trad.). *Revista Brasileira de Psicanálise*, 15(2), 123-136. (Trabalho original publicado em 1977)
- Bion, W. R. (1986). Notas sobre a memória e o desejo (P. C. Sandler e H. Fundament, Trads.). *Jornal de Psicanálise*, 19(39), 33-35. (Trabalho original publicado em 1967)
- Bion, W. R. (2004). *Elementos de psicanálise* (J. Salomão, Trad.; E. H. Sandler e P. C. Sandler, Revs. Trad.; 2a ed.). Imago. (Trabalho original publicado em 1963)
- Bion, W. R. (2004). *Transformações: do aprendizado ao crescimento* (P. C. Sandler, Trad.; 2a ed.). Imago. (Trabalho original publicado em 1965)
- Bion, W. R. (2006). *Atenção e interpretação* (P. C. Sandler, Trad.; 2a ed.). Imago. (Trabalho original publicado em 1970)
- Bion, W. R. (2021). *Aprender da experiência* (E. H. Sandler, Trad.). Blucher; Karnac. (Trabalho original publicado em 1962)
- Caseiro, S. L. N. (2019). Do inefável, um instante: algumas reflexões sobre as sessões de psicanálise apoiadas nas elaborações de W. R. Bion. *Revista Brasileira de Psicanálise*, 53(3), 151-166.
- Caseiro, S. N. (2022). At-one-ment e tornar-se: um instante cosmogônico. *Revista Brasileira de Psicanálise*, 56(3), 151-162.
- Chuster, A. (2018a). *Simetria e objeto psicanalítico: desafiando paradigmas com W. R. Bion*. Trio Studio.
- Chuster, A. (2018b). Sortilégio: a experiência entre o ser e o nada. *Berggasse* 19, 9(1), 36-51.
- Cortázar, J. (2021). Axolotes. In *Todos os contos* (H. Jahn e J. V. Baptista, Trads.; Vol. 1, p. 241-245). Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1956)
- Freud, S. (2006). Além do princípio de prazer. In *Escritos sobre a psicologia do inconsciente* (L. A. Hanns, Trad.; Vol. 2, pp. 124-182). Imago. (Trabalho original publicado em 1920)
- Freud, S. (2007). O Eu e o Id. In *Escritos sobre a psicologia do inconsciente* (L. A. Hanns, Trad.; Vol. 3, pp. 13-71). Imago. (Trabalho original publicado em 1923)
- Pirandello, L. (2019). *Um, nenhum e cem mil* (F. Degani, Trad.). Editora Nova Alexandria. (Trabalho original publicado em 1926)
- Rosa, G. (2009). O espelho. In *Ficção completa* (Vol. 2, p. 446-451). Nova Aguilar. (Trabalho original publicado em 1962)

## Bibliografia consultada

- Bion, W. R. (1989). *Uma memória do futuro: Vol. 1. O sonho* (P. C. Sandler, Trad.). Martins Fontes. (Trabalho original publicado em 1975)
- Bion, W. R. (2015). *Domesticando pensamentos selvagens* (L. C. U. Junqueira Filho, Trad.). Editora Karnac. (Trabalho original publicado em 1997)
- Bion, W. R. (2022). *No entanto... pensando melhor* (P. C. Sandler, Trad.). Blucher; Karnac. (Trabalho original publicado em 1967)
- Freud, S. (1976a). *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud: Vol. 4. A interpretação dos sonhos (I) (1900)* (J. Salomão, Trad.). Imago. (Trabalho original publicado em 1900)

- Freud, S. (1976b). A interpretação dos sonhos (II). In *Edição standard brasileira das obras psicológicas de Sigmund Freud: Vol. 5. A interpretação dos sonhos (II) e Sobre os sonhos (1900-1901)* (J. Salomão, Trad.; pp. 667-725). Imago. (Trabalho original publicado em 1900)
- Freud, S. (1976). Sobre a transitoriedade. In *Edição standard brasileira das obras psicológicas de Sigmund Freud: Vol. 14. A história do movimento psicanalítico, Artigos sobre metapsicologia e outros trabalhos (1914-1916)* (J. Salomão, Trad.; pp. 343-348). Imago. (Trabalho original publicado em 1916)
- Freud, S. (1976). O estranho. In *Edição standard brasileira das obras psicológicas de Sigmund Freud: Vol. 17. Uma neurose infantil e outros trabalhos (1917-1918)* (J. Salomão, Trad.; pp. 273-314). Imago. (Trabalho original publicado em 1919)
- Klein, M. (1991). Notas sobre alguns mecanismos esquizóides. In *As obras completas de Melanie Klein: Vol. 3. Inveja e gratidão e outros trabalhos (1946-1963)* (E. M. Rocha, Trad.; pp. 17-43). Imago. (Trabalho original publicado em 1946)
- Winnicott, C., Shepherd, R., & Davis, M. (Orgs.). (1994). *Explorações psicanalíticas: D. W. Winnicott* (J. O. A. Abreu, Trad.). Artmed. (Trabalho original publicado em 1974)

---

**Sandra Luiza Nunes Caseiro**

Endereço: Av. Coronel Fernando Ferreira Leite, 1520, sala 1015. Ribeirão Preto/SP.

CEP: 14026-020

Tel.: (16) 98185-4745

E-mail: sancaseiro@gmail.com